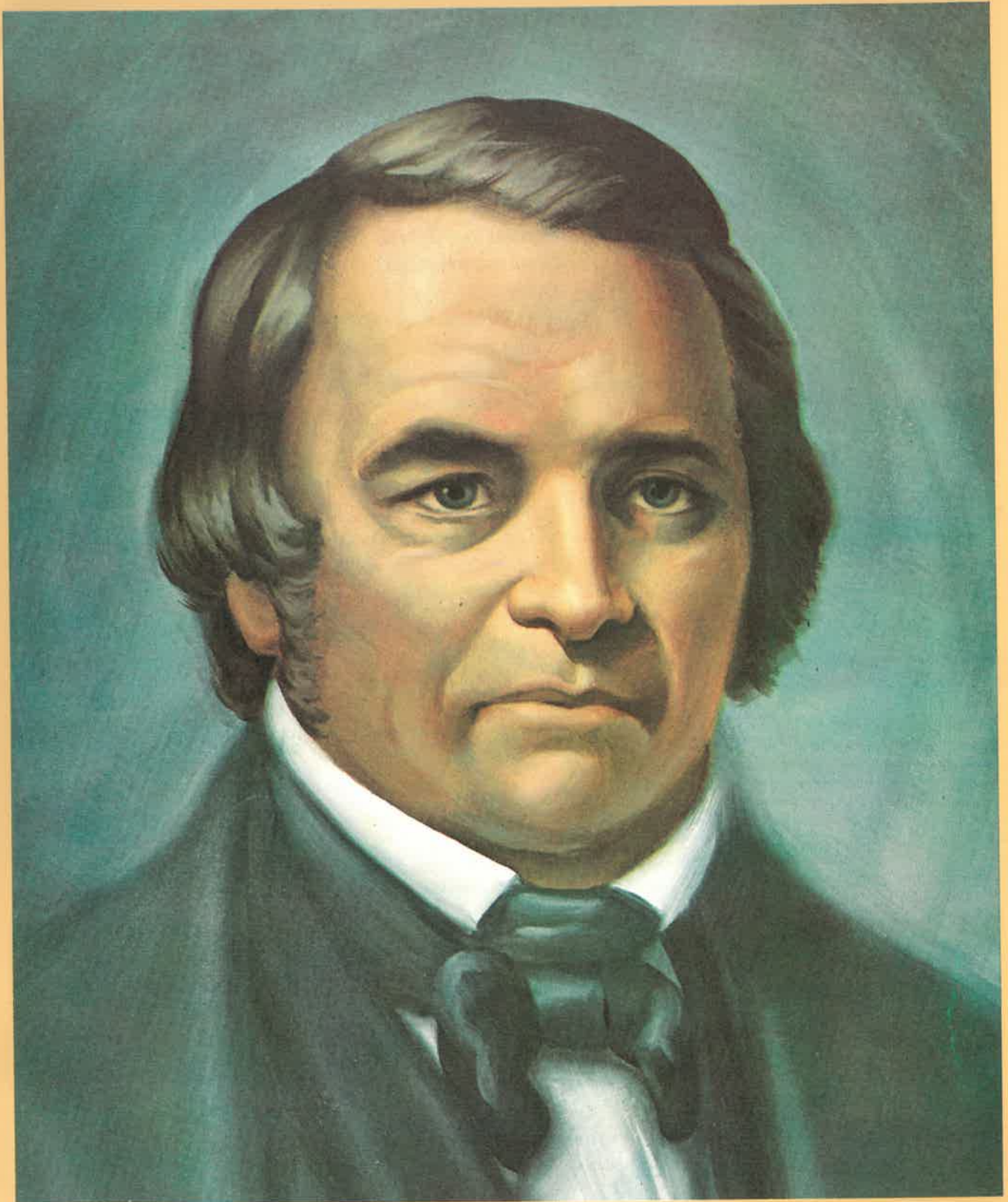


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Maio de 1994



NESTE NÚMERO

- 2 Oração da Manhã
- 3 Os Contributos de uma Crítica sobre as Seitas
Por Joaquim Dias
- 5 Dá-me Jesus
Por James R. Nix
- 8 Na cidade-fantasma de Huambo
Por Edwin Ludescher
- 12 Pregação Bíblica: Precisa-se!
Por Robert S. Folkenberg
- 14 Lausana 94 — Congresso Internacional de Jovens
Por John Graz
- 15 Mais de dois mil encontraram a Jesus... Em Moçambique
Por José Carlos Costa
- 17 Notícias
- 20 Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Por E. Amelung

PENSAMENTO DO MÊS

Miller e seus companheiros cumpriram a profecia e proclamaram a mensagem que a Inspiração predissera, mas não o teriam feito se tivessem compreendido completamente as profecias que indicavam o seu desapontamento e outra mensagem a ser pregada a todas as nações antes que o Senhor viesse.

Ellen White (*O Grande Conflito*, pp. 403, 404).

Oração da Manhã

Obrigado ó Deus porque hoje é sábado.
Foi o dia que reservaste para contemplar
calmamente o trabalho da criação.

Senhor,
Tu que nos deste tudo,
dá-nos agora a paz do repouso,
a paz do sábado,
até que venha esse sábado definitivo
onde tudo será paz e contemplação.
É verdade:
em todos os dias há uma tarde
e uma manhã — diz o Génesis —,
mas o sétimo dia não terá tarde,
não terá sol poente.

Também nós, depois de termos realizado,
com a tua graça, obras excelentes;
depois dos dias de trabalho e de cansaço
no aperfeiçoamento do mundo,
nós também encontraremos repouso em ti,
no Sábado Eterno.

Ajuda-nos, ó Deus, a antecipar
esse tempo de contemplação,
de repouso e de comunhão,
neste sábado de Novembro.
Ajuda-nos a vivê-lo
na alegria e na paz.

Foi-nos enviado sem o nome do autor e com o título pouco visível. Sabemos que foi escrito em 5 de Novembro de 1988, e certamente por um crente adventista!

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Maior de 1994 — Ano LV • N.º 564

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



Os Contributos de uma Crítica sobre as Seitas

Devido ao recente aparecimento de novas igrejas no nosso país, e às alterações que isso provoca no «status quo» da vida social e tradição religiosa, surgiu alguma preocupação a vários níveis, provocando, entre outras, as seguintes reacções: medidas de ordem fiscal por parte do Governo que, em vez de resolver a discriminação existente nessa área, agravou-a; pertinente aproveitamento dos órgãos da Comunicação Social, nem sempre com total isenção, mas viciada pela ânsia do sensacionalismo; incremento no programa de informação e esclarecimento da Igreja Católica sobre as Igrejas que considera seitas.

Um exemplo concreto do último ponto referido é uma série de quatro artigos publicados na revista *Mensageiro de St.º António* (Fevereiro, Abril, Setembro e Novembro de 1993), da autoria do Padre J. Carreira das Neves. À Igreja Adventista são dedicados dois desses quatro artigos, o que mostra ser ela preferencialmente visada. Na verdade, o padre Carreira das Neves, depois de discorrer sobre as Testemunhas de Jeová, a Igreja Universal do Reino de Deus, e as condenáveis práticas fanáticas e suicidas de Jim Jones e David Koresh, apesar de esclarecer que a «Igreja Adventista não tem qualquer culpa destes extremistas e fanáticos», declara: «O que nos interessa neste artigo é concluirmos que todos estes

falsos 'Messias' têm a ver com a Igreja dos Adventistas do Sétimo Dia». (*Mensageiro*, Setembro de 1993, pp. 21, 22.)

Por sermos tão honrosamente brindados, consideramos ser oportuno salientar três valiosos contributos desses artigos para a Igreja Adventista: Desmitificação da palavra «Seita», reafirmação do fulcro da Reforma — «Sola Scriptura» e divulgação do livro *Os Adventistas do Sétimo Crêem...*

1. Desmitificação da palavra «Seita»: A palavra Seita deriva do latim «Secta», que significa facção. Aplica-se a grupos de cristãos que se separaram da sua igreja para preservar a pureza da doutrina e do culto. Esses cristãos não se separam da igreja para formar uma nova fé, mas sim para restabelecer a fé primitiva de onde a igreja se terá afastado, por se querer acomodar ao mundo e se transformar basicamente numa denominação.

A palavra seita costuma ser aplicada unicamente às pequenas igrejas e não é usada pelos membros do próprio grupo. São os seus oponentes que lhe chamam seita e com um sentido pejorativo. Vale a pena lembrar alguns exemplos que confirmam estas verdades.

a) O cristianismo começou como uma seita do judaísmo. O sumo sacerdote Ananias, acompanhado dos anciãos e de Tertulo, assim acusou o apóstolo Paulo perante o governador Félix: «Temos achado que este homem é uma peste, e promotor

de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo; e o principal defensor da seita dos nazarenos» (Actos 24:5). O mesmo apóstolo defendeu-se: «Mas confesso-te isto: que conforme aquele caminho que chamam seita, assim sirvo a Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na lei e nos profetas» (Actos 24:14). No fim da sua carreira, já preso em Roma, o apóstolo Paulo foi interpelado pelos principais dos judeus: «No entanto, bem quiséramos ouvir de ti o que sentes; porque, quanto a esta seita, notório nos é que em toda a parte se fala contra ela» (Actos 28:22).

b) Vejamos o que aconteceu na Reforma. Não havia a intenção ou desejo da parte dos reformadores de formar novas igrejas. Havia sim a necessidade de conhecer e pregar a verdade bíblica da salvação em Jesus Cristo. «Lutero, por exemplo, não pretendia estar a liderar uma nova igreja, mas a verdadeira igreja liberta das incrustações mundanas.» (Stark and Bainbridge, *The Future of Religion*, p. 25.) Isso infelizmente não aconteceu e formaram-se novas igrejas, apelidadas por vezes de seitas.

c) Esta mesma linha de pensamento pode aplicar-se à Igreja Adventista. Após o desapontamento em 1844, do Movimento Millerita, formado por crentes Metodistas, Baptistas e de outras principais denominações, muitos crentes no

Advento juntaram-se para estudar as doutrinas bíblicas negligenciadas pelas outras igrejas. Este propósito e esta firmeza de se manter fiel à pregação bíblica é a razão de ser da Igreja Adventista, com a missão de manter viva a dinâmica da fé original, em oposição ao conformismo e à institucionalização da igreja. Esta mesma visão é mantida por H. Richard Niebuhr, para quem a acomodação de uma organização religiosa ao mundo representa «a confissão da igreja da sua própria derrota e da sua capitulação.» (H. Richard Niebuhr, *The Social Sources the Denominationalism*, p. 265.)

Do que até agora se disse nada há de pejorativo ou de negativo nas seitas, podendo mesmo deduzir-se haver um sentido nobre de genuíno ideal cristão. Tal como os apóstolos, não precisamos de nos envergonhar quando nos apelidam de seita. No entanto, por outro lado, há que reconhecer o perigo de uma seita se transformar num grupo fanático («Cult» em inglês), cujo ideal não é mais reavivar verdades ou doutrinas originais, esquecidas ou negligenciadas, como é característico nas seitas, mas inventar novas doutrinas que fundamentalmente se opõem à própria Bíblia e às normas e moral cristãs. Esses grupos, que chamarei de «pseudo religiosos», quase sempre liderados por oportunistas, fanáticos ou psicopatas, são perigosos e inconvenientes para a sociedade e para o cristianismo em especial.

Em todas as igrejas é normal que existam grupos que de tempos a tempos surgem com a preocupação de um reavivamento, de uma reforma, ou até com uma missão especial, o que pode ser salutar. A título de exemplo, e sem fazer juízos de valor, apresentarei duas referências. A primeira tem a

ver com o judaísmo. Havia as várias seitas dos Fariseus, dos Saduceus, dos Herodianos, dos Essênios, etc. Na Igreja Católica, creio encontrar-se algo paralelo nas várias ordens religiosas, como Franciscanos, Dominicanos, e tantas outras, com um destaque especial para a Opus Dei. De acordo com o relato de Maria del Carmen Tapia, que foi uma numerária da Opus Dei durante dezoito anos e que ocupou cargos de grande responsabilidade nessa organização, «dentro da Igreja Católica, a Opus Dei pode servir de exemplo de seita católica.» (Maria Del Carmen Tapia, *Do Lado de Dentro — Uma Vida na Opus Dei*, p. 313.) Falando do seu fundador, diz que ele «queria ser o líder deste grupo e o único líder. É o mesmo que acontece numa seita qualquer em que o líder, o fundador do grupo, considera que é a única pessoa capaz de comunicar ao mundo inteiro a mensagem recebida nas Alturas (*Ibid.*, p. 319.)

Na Igreja Adventista existem grupos de estudo no seu próprio seio e têm surgido desses movimentos benefícios de reavivamento. Também é verdade que têm surgido grupos ou pessoas com comportamentos ou doutrinas alheias à Bíblia e às normas cristãs. Nestes casos, a Igreja toma as medidas necessárias para desligar totalmente tais pessoas e grupos da comunidade e da fé adventista.

2. Um segundo capítulo desses artigos tem a ver com a seguinte crítica dirigida à Igreja: «Os Adventistas têm apenas um credo: A Bíblia e só a Bíblia» (*Mensageiro*, Set. 1993, p. 22.) Esta é uma citação do nosso livro «Os Adventistas do Sétimo Crêem...», p. VII, que o autor da série «Cristianismo e Seitas» cita reiteradamente. Isto não é uma crítica. É um louvor. É justo, só

por isso, agradecer ao autor pelo valioso contributo que presta à Igreja Adventista e ao cristianismo, ao lembrar que, tal como os Reformadores do século XVI, proclamamos «Sola Scriptura». Quer dizer que ensinamos a plena inspiração e suficiência da Sagrada Escritura para a Salvação por Jesus Cristo. Que esta motivação nos leve a ser mais zelosos na leitura e pregação da Palavra de Deus, seguindo a exortação de Paulo: «Conjuro-te... que pagues a palavra, que instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina» (II Tim. 4:1, 2).

3. Finalmente, um outro grande contributo é a referência e a divulgação do livro assim introduzido: «O que vamos expor vem na obra — Os Adventistas do Sétimo Dia crêem... Uma exposição bíblica das 27 Doutrinas fundamentais, 1989. É um livro de 337 páginas, à venda em todas as Igrejas Adventistas, uma espécie de Catecismo daquela Igreja.» (*Mensageiro*, Set. 1993, 22.) Em seguida é feita referência à forma de interpretação bíblica da nossa Igreja, assim como alguns exemplos de doutrinas.

Embora discordando do uso relevante e prioritário que damos à Bíblia, sentimo-nos felizes porque continuam a considerar os Adventistas como o povo da Bíblia. Isto coaduna-se com as palavras de Jesus: «Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam» (João 5:39). Com este espírito de estudo e de exame das Escrituras sejamos cristãos, cada vez mais abertos e mais missionários, para que as almas sinceras conheçam Jesus, que é o único «Caminho, a Verdade e a Vida», que dá a salvação (João 14:6).

J. Dias

Presidente da União Portuguesa

DÁ-ME JESUS

O lado esquecido de Guilherme Miller

Por James R. Nix

Guilherme Miller. Para a maioria de nós, o seu nome está associado à data de 22 de Outubro de 1844, ao Movimento Millerita, às profecias de Daniel e Apocalipse. Mas o movimento de reavivamento de Miller, do qual mais tarde emergiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi muito mais que datas cronológicas, gráficos proféticos com ilustrações de terríveis animais apocalípticos.

Guilherme Miller amava profundamente a Jesus. Amava também as pessoas e todo o seu receio era que, se se não convertessem, estariam perdidas quando Jesus voltasse. Por isso ele pregava com um sentido de urgência que poucos de nós alguma vez experimentaram.

Guilherme Miller cresceu num ambiente cristão. O avô e o tio eram pastores baptistas.¹ Embora o pai de Miller fosse indiferente para com a religião², a mãe era uma mulher temente a Deus e procurou criar o filho no amor ao Senhor.³

Criança ainda, entre os 7 e os 10 anos, Miller já sentia preocupação pela sua alma. Ele mesmo conta: «Passava muito do meu tempo procurando inventar um plano para agradar a Deus. Depararam-se-me dois caminhos, que experimentei. Um era ser muito bom, não fazer nada de errado, não dizer mentiras e obedecer aos meus pais. Mas descobri que as minhas resoluções eram fracas e em breve as abandonava. O outro caminho era o do sacrifício: renunciar aos objectos de que mais gostava. Mas também isto não me satisfiz.»⁴

Não conseguindo sair do seu dile-

ma, Miller acabou por começar a ler os escritos de Voltaire, David Hume, Thomas Paine, Ethan Allen e outros. Na sua juventude voltou-se para o deísmo⁵, uma forma racionalista de ver a Deus, que então estava muito em voga. Durante mais de uma década, Miller permaneceu um céptico.⁶ Entre os seus amigos deístas, ele troçava frequentemente da piedade dos seus familiares religiosos, imitando-os, para grande divertimento da sua céptica audiência.⁷

Vitória por aqueles em desvantagem numérica

Quando rebentou a guerra de 1812, entre os Estados Unidos e a Inglaterra, Miller, como muitos dos seus concidadãos, apresentou-se como voluntário para defender a sua nação.⁸ Bateu-se na Batalha de Plattsburg, no Estado de Nova Iorque, onde os americanos estavam em desvantagem numérica de um contra três. Uma bala de canhão, lançada de um dos barcos invasores no Lago Champlain, foi aterrar a cerca de meio metro de Miller. Bem no meio dos fragmentos da explosão dessa granada, ele nem sequer foi ferido.¹⁰ Porquê? interrogava-se. Dar-se-ia o caso de existir um Deus pessoal com activo interesse nos assuntos das nações e dos indivíduos?¹¹ Ao reflectir nesta e noutras experiências da sua vida, Miller começou a questionar os seus pontos de vista cépticos.

Desmobilizado em 1815, Miller voltou à sua terra, construiu uma casa (que ainda hoje existe) em Low Hampton, Nova Iorque¹², para a sua

família e tornou-se um respeitável cidadão na sua comunidade. Embora debatendo-se mentalmente com certas questões dos seus pontos de vista deísticos, Miller ainda não estava preparado para dar o seu coração ao Senhor. Contudo, começou a assistir aos cultos na pequena igreja baptista de que o tio era pastor e que ficava perto da sua nova casa.¹³

Nos domingos em que o tio de Miller ia pregar a outras igrejas na vizinhança, um dos diáconos locais lia um texto de um livro de sermões. Muitos destes homens não eram grandes leitores e por isso a sua leitura deixava muito a desejar. Com o tempo, ele ficou tão enfasiado com essas fracas apresentações que, quando sabia que o tio ia estar ausente no domingo, ficava em casa.¹⁴

Um dia a mãe perguntou-lhe porque não tinha ido à igreja e ele falou-lhe da reacção negativa que tinha quanto à maneira como os sermões eram lidos, acrescentando que se fosse ele que os lesse, estaria sempre presente. A partir daí, sempre que o tio de Miller se ausentava, os diáconos escolhiam o sermão a ler, mas era Miller quem o apresentava.¹⁵

As dúvidas continuam

Apesar de Miller se considerar ainda deísta, interrogações e dúvidas não deixavam de ocupar a sua mente. Uma das crenças deístas que mais o perturbava era a ideia de que quando alguém morre, nada mais há para além do túmulo. Escreveu ele mais tarde: «O aniquilamento era um pensamento frio e arrepiante.... Os céus eram como chumbo sobre a minha cabeça e a terra como ferro sob os meus pés. *Eternidade!* — *O que era isso? E morte — porque havia morte?*»¹⁶

Miller permaneceu no seu perturbador estado de espírito durante vários meses. Um domingo foi-lhe pedido para ler um sermão escrito por Alexander Proudfit sobre a «Importância dos deveres dos pais». Ao lê-lo, ficou tão emocionado que teve de sentar-se. Os seus princípios deísticos pareciam apresentar-lhe uma di-

ficuldade quase insuperável.¹⁷ Mas pouco depois, «de repente, fui vividamente impressionado com a ideia do que devia ser um Salvador. Parecia que tinha de haver um Ser tão bom e compassivo para por Si só expiar as nossas transgressões e assim salvar-nos de sofrer o castigo do pecado. Imediatamente senti quão amável devia ser esse Ser; e pensei que eu mesmo podia lançar-me nos Seus braços e confiar na Sua misericórdia.»¹⁸

Miller questionava-se então quanto à maneira de provar a existência desse Ser. Disse ele: «Senti que crer em tal Salvador, sem provas, seria ser visionário em extremo.»¹⁹ Agora, pela primeira vez na sua vida, ele queria saber, queria conhecer que espécie de Deus é revelado nas Escrituras.

Ao começar a estudar, descobriu «que a Bíblia apresentava mesmo um Salvador como eu necessitava; e fiquei perplexo ao ver como um livro não inspirado apresentava princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo caído. Fui constrangido a admitir que as Escrituras tinham de ser uma revelação de Deus. Elas tornaram-se o meu deleite; e em Jesus eu encontrei um amigo. O Salvador tornou-se para mim o primeiro entre dez mil; e as Escrituras, que antes eram escuras e contraditórias, tornaram-se agora a lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho. A minha mente ficou esclarecida e satisfeita. Descobri que o Senhor é uma Rocha no meio do oceano da vida.

«A Bíblia tornou-se agora o meu principal estudo e posso dizer com verdade que a investigava com grande deleite. Descobri que metade nunca me fora contado. Perguntava a mim mesmo porque nunca antes tinha visto a sua beleza e glória e admirava-me de que alguma vez a tivesse podido rejeitar. Descobri revelado nela tudo o que o meu coração podia anelar e um remédio para todas as

enfermidades da alma. Perdi todo o gosto por outras leituras e apliquei o meu coração a obter Sabedoria de Deus.»²⁰

Um homem transformado

Miller começou imediatamente a fazer o culto familiar, uniu-se publicamente à Igreja Baptista, pôs a sua casa à disposição para reuniões de oração e começou a ajudar no trabalho da igreja.²¹ Durante este período, 1816-1818, quando Miller dedicava grande parte do seu tempo ao estudo intenso da Bíblia, ele descobriu



Guilherme Miller

a profecia dos 2300 dias, de Daniel 8:14, à qual o seu nome haveria de ficar para sempre ligado.

Miller acreditava sinceramente que Cristo ia volta à Terra por volta de 1843-1844. Ele mal podia conter o seu entusiasmo ao pensar no seu amigo recém-encontrado, Jesus, que ia voltar dentro de 25 anos! Disse Miller: «Não preciso de falar da alegria que encheu o meu coração à vista de tão deleitosa perspectiva, nem do ardente anseio da minha alma por participar nas alegrias dos remidos.»²²

Ele tinha tanto prazer no estudo da Bíblia que esta se tornou o seu constante companheiro. Cada dia, dedicava uma determinada porção de tempo para o estudo pessoal da Bíblia.

«Ele adorava meditar sobre os seus ensinamentos e falar sobre as suas promessas.»²³ E o seu amor por Jesus continuava a aprofundar-se.

A um amigo seu, que era pastor, Miller escreveu em 1832: «Aconselhar-te-ia a guiáres os teus ouvintes a Jesus Cristo, com passos lentos mas seguros. Digo *lentos*, porque penso que nem todos são ainda suficientemente fortes para correr; e *seguros*, porque a Bíblia é uma palavra segura — e onde os teus ouvintes não estão suficientemente indoutrinados, deves pregar-lhes *Bíblia*; deves provar todas as coisas pela *Bíblia*; deves falar *Bíblia*; deves exortar *Bíblia*; deves orar *Bíblia* e amar *Bíblia*; e fazer tudo o que puderes para os outros amarem também a *Bíblia*.»²⁴

Noutra carta a este mesmo amigo, ele exclama: «Dá-me Jesus e o conhecimento da Sua Palavra, fé no Seu nome, esperança na Sua graça, interesse no Seu amor, e que eu seja revestido da Sua justiça, e o mundo pode desfrutar dos títulos mais sonantes, das riquezas de que pode gabar-se, das vaidades que pode herdar e de todos os prazeres do pecado; e eles nada mais serão do que uma gota de água no oceano. Sim, que eu tenha a Jesus Cristo e depois tirai-me todas as insignificâncias do mundo. Que glória tem Deus revelado em Jesus Cristo! N'Ele se concentra todo o poder. N'Ele habita todo o poder. Ele é a evidência de toda a verdade, a fonte de toda a misericórdia, o dador de toda a graça, o objecto de toda a adoração e a origem de toda a luz; e eu espero desfrutar da Sua presença por toda a eternidade.»²⁵

Muita gente escreveu acerca do Movimento Millerita. Mas para o entender perfeitamente tem de compreender-se que Miller era alguém que se apaixonara por Jesus. Nada era mais precioso para ele do que o pensamento da breve volta de Cristo. Mas havia milhões de pessoas que estariam perdidas porque ainda não ti-

nham aceitado a Jesus como seu Salvador pessoal. A possibilidade de alguém poder perder a eternidade era mais do que Miller podia suportar. Disse ele: «Quando estava a tratar dos meus afazeres, soava constantemente aos meus ouvidos: ‘Vai e diz ao mundo o perigo em que se encontra.’»²⁶ Este pensamento levou-o a pregar — ano após ano — geralmente dando palestras de duas horas por dia sobre as profecias. Miller calculou que entre 1832 e 1844 pregara 4500 sermões a pelo menos meio milhão de pessoas.²⁷

Embora estivesse errado na sua crença de que Jesus ia voltar à Terra por volta de 1843/1844, esta dava um senso de urgência à sua pregação, mas a sua mensagem não se centrava só no tempo. Miller ansiava que as pessoas aceitassem a Jesus como seu Salvador pessoal: «Qual é o fundamento da sua esperança, meu querido amigo? Se não O amar agora, como poderá amá-l’O depois? Se não pode sacrificar nada nesta vida, como pode esperar receber os benefícios daquele sacrifício que custou ao Filho de Deus uma vida de pobreza, privação e angústia? Que Lhe custou sangue, suor e lágrimas no Jardim? Que Lhe custou zombarias, escárnios e açoites na sala de julgamentos de Pilatos? Que Lhe custou suor, sangue e morte na cruz? Pensai, meus irmãos, oh! pensai na paixão de Cristo; e se isso não vos mover a uma vida mais activa e diligente na Sua causa, então podeis concluir com toda a certeza de que não tereis parte nessa gloriosa esperança que Ele tem preparada para todos os que amarem a Sua vinda.»²⁸

Que uma pessoa com o nome de cristão pudesse ficar triste com a perspectiva do regresso de Cristo, isso era algo que Miller não podia compreender. Na sua *Apologia e Defesa*, publicada em 1845, Miller revelou porque não tinha começado mais cedo a partilhar os seus pontos de vista quanto à volta de Jesus: «Pensava que isso [o Segundo Advento] atrairia a oposição dos que não crêem em Deus; mas nunca me passou pela cabeça que qualquer cristão se lhe oporia. Achava que todos eles se haveriam de rego-

zizar tanto ante tão gloriosa perspectiva que bastaria apenas apresentá-la para que a recebessem. O meu grande receio era que, na sua alegria em relação à esperança da gloriosa herança que tão brevemente seria revelada, eles recebessem a doutrina sem suficiente exame das Escrituras, para demonstração da sua verdade. Assim, eu temia apresentá-la com receio de que por alguma possibilidade estivesse em erro e me tornasse o meio de alguns serem desencaminhados.»²⁹

A partir do momento da sua conversão, estar com Jesus e fazer tudo ao seu alcance para ajudar outros a prepararem-se para a Sua vinda foi para Miller o objectivo que impeliu

toda a sua vida. Depois do primeiro desapontamento, na primavera de 1844, quando Jesus não veio, ele escreveu:

«Quão monótonas e tristes são as horas Enquanto Jesus, meu Salvador, tarda em voltar!

Busquei-O na solidão do bosque Ansiando, ao longo dos dias, vê-l’O chegar.

«Todavia, Ele tarda — Oro, diz-me porquê A Sua vinda demora tanto?

Por vê-l’O nas nuvens do Céu Minha alma intensamente arde.

Anseio estar com Ele no lar, O meu coração envolto no Seu amor, Nos campos do Novo Éden andar E no Alto com meu Salvador habitar.»³⁰

Guilherme Miller

1782	Nasce a 15 de Fevereiro, em Pittsfield, Massachusetts.
1803	Casa, a 29 de Junho, com Lucy Smith, de Poultney, Vermont.
1812-1815	É elevado a capitão durante a guerra de 1812.
1815	Fixa-se em Low Hampton, Nova Iorque.
1816-1818	Estudou intensamente a Bíblia.
1831	Em Agosto, faz a sua primeira palestra sobre a Segunda Vinda de Jesus, em Dresden, Nova Iorque.
1832	A 15 de Maio, sai o primeiro artigo de uma série de 16, sobre os pontos de vista de Miller quanto às profecias. Foram publicados no jornal <i>Vermont Telegraph</i> .
1833	É publicado em Brandon, Vermont, o primeiro folheto, de 64 páginas, com as convicções de Miller.
1833	Em Setembro, Miller recebe uma credencial para pregar nas Igrejas Baptistas de Hampton e Whitehall, no Estado de Nova Iorque.
1836	É impressa a primeira edição do livro de sermões de Miller, intitulado <i>Evidence From Scripture and History of the Second Coming of Christ, About the Year A.D. 1843</i> . Publicado em Troy, Nova Iorque.
1840	A 28 de Fevereiro sai o 1.º número do jornal <i>Millerita Signs of the Times</i> , publicado em Boston.
1842	A 28 de Junho realiza-se a primeira reunião campal oficial (<i>Camp Meeting</i>) em East Kingston, New Hampshire.
1844	Miller chega à conclusão que a profecia dos 2300 dias findava e Cristo voltaria durante o ano judaico que terminava em 21 de Março.
1844	6 de Outubro: Miller finalmente fixou o dia 22 de Outubro de 1844 como a data para o fim da profecia dos 2300 dias, altura em que pensava que Jesus ia voltar.
1849	Miller morre a 20 de Dezembro, em sua casa de Low Hampton.

Embora Guilherme Miller tenha morrido em 1849, sem ver concretizadas as suas mais caras esperanças, foi mostrado a Ellen White a recompensa final de Deus a este dedicado pioneiro: «Anjos velam pelo pó precioso deste servo de Deus e ele um dia há-de levantar-se ao som da última trombeta.»³¹ No grande dia da ressurreição, Miller alcançará finalmente o desejo do seu coração: estar com o seu Amigo Jesus!

IGREJA MUNDIAL

Com os nossos irmãos e irmãs

Na cidade-fantasma de

- Relatório de Viagem

1. Sylvester Bliss, *Memoirs of William Miller* (Boston: Joshua V. Himes, 1853), p. 28.
2. Ver Bliss, p. 4.
3. Ver Bliss, pp. 29, 30.
4. Citado in Joshua V. Himes, *Views of the Prophecies and Prophetic Chronology. Selected From Manuscripts of William Miller; With a Memoir of His Life* (Boston: Moses A. Dow, 1841), p. 9.
5. William Miller, *Apology and Defense* (Boston: J. V. Himes, 1845), pp. 2, 3.
6. Bliss, p. 25.
7. *Ibid.*, p. 29.
8. *Ibid.*, pp. 31, 32.
9. *Ibid.*, p. 52.
10. *Ibid.*, p. 47.
11. Ver Miller, p. 4.
12. Bliss, pp. 59, 63.
13. *Ibid.*, p. 64.
14. *Ibid.*, pp. 64, 65.
15. *Ibid.*
16. Citado in Bliss, p. 65.
17. Ver C. Mervyn Maxwell, *Tell it to the World* (Mountain View, CA: Pacific Press Pub. Assn., 1976), p. 12, e nota 4 na p. 271; ver também Bliss, p. 66.
18. Bliss, p. 66.
19. *Ibid.*, p. 67.
20. *Ibid.*
21. *Ibid.*
22. *Ibid.*, p. 76.
23. *Ibid.*, p. 85.
24. *Ibid.*, pp. 100, 101.
25. *Ibid.*, p. 111.
26. Miller, p. 15.
27. *The Midnight Cry!* 15 de Fevereiro de 1844, p. 236.
28. Himes, p. 130.
29. Miller, p. 13.
30. Bliss, p. 262.
31. Ellen G. White, *Early Writings* (Washington, D.C.: Review and Herald Pub. Assn., 1945), p. 258.

Foi meu privilégio visitar os nossos campos missionários de África de 17 de Janeiro a 18 de Fevereiro de 1994, acompanhado pelo irmão Leo Ranzolin, vice-presidente da Conferência Geral. O nosso destino era Moçambique, São Tomé e Príncipe e Angola. Por toda a parte em que andámos, pudemos constatar que, apesar de grande problemas e dificuldades — e de uma funesta guerra em Angola —, há igrejas em rápida expansão, irmãos e irmãs regozijando-se no Senhor e prontos a fazer brilhar a Sua luz no lugar em que Deus os colocou, com uma vontade inabalável de penetrar em novos territórios. Para nós foi um verdadeiro motivo de encorajamento e bênçãos tudo o que nos foi dado viver ao longo destes dias e semanas excepcionais.

Moçambique sob o signo de Missão Global

A nossa visita a este país de 13 milhões de habitantes realizou-se de 18 a 30 de Janeiro. O programa incluía três assembleias de delegados, as primeiras do género após a reorganização da Obra em Moçambique e que as condições políticas e de guerra impossibilitavam antes. Havia por toda a parte uma atmosfera de harmonia e um espírito de fraternidade cristã. O irmão G. Muchanga foi reeleito como presidente da União. A assembleia da Associação Norte terá lugar em 1995.

No próximo mês de Outubro haverá eleições políticas. Perguntam-me sempre se os infelizes acontecimentos das eleições de Angola (em Setembro de 1992), que tiveram como resultado o reacender da guerra, não se repetirão em Moçambique. Seria fatal, porque o país inteiro ficaria mergulhado num caos inimaginá-

vel. Oremos ao Senhor para que as coisas corram melhor e os nossos irmãos, e a população de Moçambique, em geral, sejam poupados a mais sofrimento.

Até agora, o armistício tem sido cumprido por uma e outra parte (o Governo e a Renamo). Encontram-se ali 60.000 soldados da ONU e está a ser organizado um exército em conjunto. O regresso de 800.000 a 1.000.000 refugiados está a processar-se regularmente. Vêm do Malawi e do Zimbabwe e entre eles há 10.000 Adventistas do Sétimo Dia. A nossa instituição de auxílio, a ADRA, está muito empenhada neste programa de repatriação. Esperemos pois que as eleições tenham como resultado o restabelecimento definitivo da paz.

O crescimento explosivo das nossas igrejas é surpreendente. O alvo de baptismos que os irmãos se tinham fixado para o quinquénio estava praticamente alcançado no fim de Dezembro de 1993 com 29.653 baptismos.

A maior dificuldade é a construção de igrejas para albergar todos os membros. Há um voto especial que prevê a construção de 150 novas igrejas. Este projecto compreende a colaboração entre as igrejas locais e as Associações, a União e a DEA. Os telhados destas novas «casas do Senhor» serão financiados por contribuições exteriores. Em contrapartida, os alicerces e as paredes serão da responsabilidade e iniciativa das igrejas locais.

O nosso Seminário da Beira, com os departamentos de Teologia e Agricultura, continua a desenvolver-se bem. O aprovisionamento de água era um dos maiores problemas da instituição e está em vias de solução. Uma empresa especializada está a construir um poço, pois encontrou-se água a 150 metros de pro-

Huambo

fundidade. Os trabalhos estão quase no fim. O projecto foi financiado pela campanha das missões realizada pelo nosso Colégio de Marienhöhe, na Alemanha, a quem expressamos o nosso reconhecimento.

Certamente que a obra em Moçambique continuará a desenvolver-se com a maior rapidez. Com mais de 100.000 membros, este campo missionário ocupa o segundo lugar nas Uniões que compõem a DEA.

São Tomé e Príncipe — a unidade gera o crescimento

O nosso voo levou-nos de Joanesburgo a São Tomé, via Abidjan. Chegámos a 1 de Fevereiro. O irmão Hermínio Monteiro, da igreja do Porto, foi conosco no mesmo avião. Este irmão vai ser-nos de grande auxílio nos próximos dois anos, em que esperamos levar a efeito projectos de construção e determinadas actividades da ADRA, colaborando conosco nestes trabalhos e na área financeira.

As visitas da Divisão continuam a ser um acontecimento importante para os membros da igreja de S. Tomé. Muitos irmãos e um coro de jovens estavam no aeroporto a esperar-nos.

A obra adventista em S. Tomé e Príncipe começou em 1938. Este pequeno país, com 1001 Km² de superfície, tem apenas 120.000 habitantes. A Igreja Católica domina sobre 80% da população. A obra adventista tem-se desenvolvido muito lentamente. Foram precisos 50 anos para ganhar os primeiros 300 membros. Algumas tensões internas e uma cisão da Igreja em dois grupos quase imobilizaram a sua obra. Mas em 1988, o ir-

mão Stéveny, então secretário da DEA, e o autor destas linhas, presidente da mesma, deslocaram-se a S. Tomé para tentar reconciliar entre si os dois grupos e, pela graça de Deus, a unidade foi restabelecida. Nos seis anos seguintes o número de membros passou para 647. A unidade da Igreja está na base deste rápido crescimento e sabemos que assim continuará a ser.

Também em São Tomé se realizou uma assembleia de delegados. O irmão Manuel do Espírito Santo continuará o seu ministério como presidente desta Associação ligada à União Angolana. Na mesma ocasião, organizou-se um encontro pastoral de três dias, ao qual, além dos pastores, assistiram 25 responsáveis de igrejas locais.

A nossa roça «Adelaide» está igualmente a desenvolver-se bem. As receitas aumentaram sensivelmente graças às vendas de cacau, bananas e uma espécie de raízes comestíveis. Também aqui a construção de igrejas é uma necessidade. As que existem são insuficientes e não satisfazem as exigências actuais.

O Primeiro Ministro de São Tomé e Príncipe, que tivemos oportunidade de visitar na sua residência, expressou-nos o seu elevado apreço pela obra da nossa Igreja e pelas actividades desenvolvidas pela ADRA.

Enquanto ali estivemos foram organizadas reuniões públicas a que assistiram centenas de amigos da nossa Mensagem. No dia em que partimos, ainda nos encontramos com o irmão Peter Kunze que chegava de Angola. Ele informou-nos que

não lhe fora possível deslocar-se ao Huambo, pois quando já sobrevoavam a cidade, o piloto recebeu uma repentina mensagem de rádio dando-lhe ordem para regressar a Luanda, porque a cidade do Huambo estava a ser alvo de ataque aéreo por parte do exército governamental. Nessa noite, com um atraso de 8 horas, o pastor Ranzolin e eu tomámos o avião para Luanda, onde chegámos por volta da meia-noite.

Angola sangra de mil feridas

Essa noite foi bem curta. Às 5h30 da manhã foram buscar-nos para tomarmos o avião para o Lubango, ao sul do país. Esta cidade, sede da Associação Sul de Angola, até agora foi mais ou menos poupada pela guerra. Os serviços de Sábado têm lugar de forma regular e harmoniosa. Ficámos surpreendidos por ver tantos jovens e crianças. A cidade de Lubango (300.000 habitantes) e os seus arredores têm mais de 20.000 membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, distribuídos por 16 igrejas locais organizadas.

A assembleia de delegados desta Associação começou no Sábado à noite. Também ali reinava uma atmosfera fraternal e espiritual. Procederam-se a algumas mudanças, de modo a influenciar beneficentemente a evangelização. Foi ex-



Da esquerda para a direita: A. Alfredo, tesoureiro, V. Cubenda, presidente, E. Ludescher, da DEA, A. Artur, secretário, por ocasião do encontro no Huambo, Angola.

tremamente animador ver quão empenhados os nossos irmãos estão na Missão Global.

O nosso voo de volta a Luanda era para sair na segunda-feira de madrugada, mas só saiu na terça-feira de manhã. A África é rica de ensinamentos e um deles é a paciência.

Quando ainda estávamos em Moçambique, recebi a informação de que o irmão R. Petry, da ADRA-Alemanha, estava a tentar arranjar-me um voo de Luanda para o Huambo. O irmão Ranzolin e eu combinámos que se eu conseguisse ir, eu ia e ele ficava em Luanda para as reuniões do Conselho. Quando chegámos a Luanda, fomos directamente ao escritório da ADRA e o irmão Petry disse-nos que possivelmente ia haver um avião de carga das Nações Unidas na quarta-feira (16 de Fevereiro) e talvez eu pudesse ir nele. Nessa mesma noite nos confirmaram a informação. Eu orava a Deus para que o plano se concretizasse de forma a poder visitar os irmãos da União Angolana, completamente isolados há 14 meses. A União tem estado impossibilitada de assumir as suas responsabilidades para com as Associações e Missões. O irmão Vasco Cubenda, presidente da União, continua separado da sua família que está em Luanda, e não tem qualquer possibilidade de se reunir aos seus. Eu desejava muito ir ao Huambo para levar uma palavra de coragem e consolação aos nossos dirigentes e membros de igreja.

Às 6h da manhã o irmão Petry veio buscar-me para me levar ao aeroporto e

lá estava o avião das Nações Unidas, carregado de alimentos, esperando o sinal de partida. Ao todo, éramos seis passageiros. O aparelho só podia levantar voo no preciso momento em que lhe fosse dada luz verde no Huambo. A Unita tinha sido contactada para a minha visita e de-ra o seu acordo. Depois de duas longas horas de espera, o avião descolou rumo ao Huambo. Foi-me permitido viajar no cockpit, com os dois pilotos americanos e um operador de rádio alemão, de Paderborn. Fomos conversando durante todo o voo, que durou 1 hora e 15 minutos.

Quando o avião se imobilizou na pista do aeroporto do Huambo, não pude deixar de agradecer a Deus aquela possibilidade. A alegria dos irmãos dirigentes da União era imensa. Quase nem acreditavam que um representante da DEA tivesse conseguido chegar à cidade!

Enquanto íamos do aeroporto para a cidade, o quadro era cada vez mais desolador: casas destruídas, tanques queimados, ruínas... uma visão de horror e devastação. Ficámos em reunião horas seguidas. Os irmãos relataram-me os horríveis acontecimentos que tinham tido lugar durante o massacre do Huambo, durante 55 dias, que começou a 9 de Janeiro de 1993. O balanço desta batalha é calculado entre 12.000 e 15.000 vítimas, entre as quais 6 adventistas. Os nossos irmãos, e a população, viveram dias horríveis. Huambo, privada de luz e água, é só ruínas, devastação, uma cidade-fantasma!

Os danos sobre as propriedades da

União Angolana são enormes e calculo que os prejuízos se elevem a um milhão, milhão e meio de dólares. Assim que a paz for restabelecida, vamos precisar de todas as energias e de fazer um enorme esforço para reconstruir e reparar. É um grande desafio!

Nessa tarde, um encontro pastoral reuniu 30 pastores e por várias vezes os irmãos me disseram que se sentiam animados pela certeza de que, nas igrejas da Europa, os irmãos oraram e ainda oram por eles. O secretário da União, irmão Augusto Artur salientou este pensamento em várias ocasiões.

Os irmãos não cessavam de fazer perguntas, querendo saber exactamente os progressos da obra à escala mundial. Cheios de alegria, disseram-nos o número de baptismos no Huambo e arredores, no ano passado: 2.260 pessoas se uniram à Igreja Adventista através do baptismo bíblico. A guerra e a imensa angústia por que passaram levaram muitas pessoas a buscar a Deus de maneira mais profunda.

Na manhã seguinte foi-nos possível ter uma entrevista com a Dra. Judith, esposa do vice-presidente da Unita. É uma personalidade importante no Huambo e foi-nos dito ainda em Luanda que era imprescindível visitá-la. A entrevista foi interessante e positiva. A Dra. Judith é originária do Bongo e tem o maior interesse no Hospital Adventista do Huambo. Perguntou-nos quando pensávamos conseguir pô-lo a funcionar de novo. Expliquei-lhe que era um problema logístico. O conjunto do material encontrase em Luanda, mas as estradas entre Luanda e Huambo estão fechadas por causa da guerra. Os aviões de carga das Nações Unidas transportam produtos alimentares e de socorro, sem os quais a população não poderia sobreviver. Somos constringidos a esperar pela normalização da situação, isto é, que a paz seja definitivamente instalada.

A Dra. Judith expressou também o seu agradecimento pelo socorro da ADRA. Cerca de 20.000 a 25.000 habitantes estão beneficiando de auxílio regular da ADRA. Além disso, fazemos chegar ao Huambo, por via aérea, medicamentos.

Uma outra tragédia em Angola é que perto de 9 milhões de minas dispersas por aquele país são responsáveis por mutilações terríveis e feridas horríveis. A isto há ainda a juntar colheitas más por causa da seca que se tem feito sentir.

Não gostaria de deixar passar esta



Com os nossos obreiros no Huambo.



Um tanque de guerra nas ruas de Huambo.

oportunidade sem agradecer do fundo do coração aos nossos colaboradores da ADRA em Luanda pelo seu empenhamento e entrega à sua missão. Nós podemos orgulhar-nos deles. As suas actividades centram-se nas cidades de Luanda, Huambo, Luena, Dundo e Malange.

O encontro com os irmãos e irmãs da nossa igreja, só parcialmente de pé, ficará para sempre na minha lembrança. Não havia mais lugares, muitos estavam de pé e a sala estava cheia a mais não poder. Quando lhes transmiti as saudações cristãs da Divisão, das igrejas da Europa, Moçambique e São Tomé e Príncipe, ouviram-se exclamações de alegria. De repente, a assistência levantou-se em peso e começou a bater palmas. Muitos choravam e faziam gestos para mostrar a sua transbordante alegria. Quando a assembleia cantou o hino de abertura, «Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti», eu apercebi-me um pouco do sofrimento que aqueles irmãos tinham tido que suportar no decurso das semanas e meses passados! Foram momentos de tanta emoção que as palavras não são capazes de os descrever.

A minha mensagem centrou-se em Mateus 8:23-27, uma situação bem parecida com a que os nossos irmãos de Angola, especialmente os do Huambo, têm vivido. E quando a congregação cantou «Ó Mestre, o mar se revolta», a emoção apoderou-se de grande número dos crentes ali reunidos. Nunca antes eu tinha ouvido cantar este hino com tanto fervor. As suas vozes elevavam-se como um grito de alegria pela libertação do Senhor:

«Convosco estou para vos salvar, sim tende paz!» Agradei a Deus pelo privilégio de pertencer a esta grande família que é a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Sinto um grande respeito pelos nossos irmãos e irmãs deste país tão sofrido pela guerra e que sangra ainda de mil feridas.

Nessa noite, de regresso ao meu modesto hotel, pensei em quão absurda é esta guerra que já dura há tantos anos e que, a crer nos números oficiais, sacrificou mais de 800.000 vidas humanas. Depois de uma tal experiência, fica a pergunta: «O que é o homem?» Aos olhos do mundo não é nada, nada de nada. Mas a palavra de João 3:16 ganha novo significado e novo brilho e encoraja-nos.

Foi-me difícil adormecer de noite, mas de manhã bem cedo os irmãos vêm-me buscar para ir para o aeroporto, porque foram informados que um jumbo russo vai trazer milho de Luanda para o Huambo e que talvez eu possa regressar nesse mesmo avião. É tempo de me despedir dos meus amigos e só tenho pena de não poder levar comigo o irmão Cubenda. Ele está numa situação difícil, esgotado

física e psicologicamente. No aeroporto, os irmãos dizem mais uma vez quanto apreciaram a minha visita. Últimos apertos de mão, últimos abraços e subo a escada para aquele pássaro gigante que me há-de levar a Luanda. Chego a Luanda a tempo de assistir ainda a uma reunião do conselho. Os irmãos alegram-se com as notícias do Huambo.

À noite é a partida para Paris, com o irmão Ranzolin. Ali os nossos caminhos tomam rumos diferentes: ele voa para Washington e eu para Zurique. É o regresso a nossas casas depois de uma longa ausência.

Quando recordo esta viagem, o meu coração enche-se de gratidão para com Deus. Mas gostaria também de agradecer sinceramente aos irmãos e irmãs destes campos missionários o ânimo que eles mesmos me infundiram com a sua alegria e fidelidade à causa do Senhor. O meu profundo agradecimento também ao pastor Ranzolin. A sua presença e participação foram particularmente apreciadas pelos nossos membros e contribuíram para o êxito desta viagem missionária. Como povo adventista, nós somos de facto uma grande família!

Seja-me permitido fazer um pedido a todos os adventistas do sétimo dia e amigos na Europa: que se lembrem dos seus irmãos destes países africanos nas suas orações de intercessão. Que a paz volte depressa a Angola!

Edwin Ludescher é o presidente da Divisão Euro-africana, com sede em Berna, Suíça.



Por toda a parte, marcas desta guerra insensata.

Pregação Bíblica: Precisa-se!



Robert A. Johnson

Este é o primeiro de uma série de três artigos em que partilharei com a Igreja, através da Revista Adventista, o que penso que deve ser a pregação feita por e para os Adventistas.

Precisamos de pregação bíblica. *Prega a Palavra*, escrevia o apóstolo Paulo a Timóteo, *insiste quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina* (II Tim. 4:2). Estas palavras são a minha esperança e oração para os Adventistas hoje. Se se tornarem realidade no nosso meio, o nosso povo em todo o mundo receberá poder, alimento e motivação para viver para Cristo e servi-l'O.

O que é pregação bíblica?

Pregação bíblica é a que coloca a Palavra de Deus no centro. Não a psicologia ou os acontecimentos da actualidade; não as narrativas ou as ilustrações. Às vezes, as ilustrações têm um efeito tão poderoso que são a única coisa de que as pessoas se lembram: fixam a história, mas esquecem aquilo que esta devia ilustrar ou exemplificar!

Não. Temos de colocar a Bíblia e a sua autoridade no centro da nossa pregação. Isto quer dizer que na nossa planificação começamos com a Bíblia, continuamos com a Bíblia e a seguir procuramos encontrar maneiras de ilustrar a pregação; não começamos com materiais ilustrativos para depois partir à busca de textos bíblicos que lhes dêem validade. Tal uso das Escrituras não nos dá um texto, mas um pretexto!

A pregação bíblica está baseada e enraizada na Palavra. Pode e deve ser expositiva, isto é, pode partir de uma determinada passagem que se vai desdobrando ponto por ponto, mostrando o seu significado

e aplicação prática. Ou pode ser temática, isto é, construída a partir de vários textos bíblicos sobre um tema, com a Palavra de Deus sempre no centro. São igualmente possíveis outras formas de pregação, como, por exemplo, a abordagem narrativa, mas, seja qual for o tipo de pregação, é a Palavra que deve determinar e modelar toda a apresentação.

Pregação bíblica significa que nós nos inclinamos diante de uma autoridade superior. Quem prega não procura mostrar quanto conhece de um determinado assunto, não procura impressionar através de um discurso erudito, ou distrair com histórias divertidas. Quem ocupa o lugar central não é o pregador: é a Palavra.

Não gostaria que alguém me interpretasse mal: eu não acho que a pregação deva ser monótona. Não advogo sermões cinzentos, sem colorido. A pregação bíblica pode e deve ser viva, animada e interessante; pode e deve prender a atenção tanto do pregador como dos ouvintes. A Bíblia é viva — lida com a vida! E a pregação bíblica há-de ser realista, prática, útil. Há-de mostrar que toma a Bíblia a sério, hoje.

Porque precisamos de pregação bíblica?

Porque é a palavra, e não o mundo, quem deve modelar os nossos valores, atitudes e motivações.

Vivemos numa sociedade impregnada de filosofias seculares e materialistas. Por mais que nos esforçemos não conseguimos evitar as

suas avassaladoras repercussões na nossa vida. Mas, também, a solução não está em evitar. Está em fortalecer-nos através das Sagradas Escrituras.

Pois fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a Palavra de Deus, a qual vive e é permanente, escreveu o apóstolo Pedro (I Ped. 1:23). A Palavra traz vida nova; a Palavra mantém a vida nova. Protegidos e alimentados pela Palavra, podemos permanecer de pé no meio dos perigos dos últimos dias.

Um dos capítulos finais do livro *O Grande Conflito* tem o título de «As Escrituras, nossa única salvaguarda». Nele Ellen White escreve: «Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. As opiniões de homens ilustrados, as deduções da ciência, os credos ou decisões dos concílios eclesiásticos, tão numerosos e discordantes como são as igrejas que representam, a voz da maioria — nenhuma destas coisas, nem todas em conjunto, deveriam considerar-se como prova, em favor ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos pedir um claro 'Assim diz o Senhor' para o apoiar.» (pág. 595.)

Precisamos hoje de pregações que não somente encorajem os Adventistas a estudar a Bíblia, mas que ela mesmas estejam baseadas na Bíblia. Que o próprio pregador exemplifique este conselho!

Precisamos de pregações bíblicas porque somos a igreja remanescente. Não somos mais uma organização, nem um clube de amizade e companheirismo, nem mesmo uma corporação com uma missão mundial. Somos o povo de Deus. O nosso Líder está no Céu e nós esperamos a Sua breve volta.

A Bíblia diz-nos quem somos, o que Deus deseja que façamos e como quer que vivamos. A Bíblia ajuda-nos a estabelecer e conservar a nossa identidade num mundo com pontos de vista completamente diferentes dos nossos. A Bíblia mantém-nos no caminho certo.

A pregação adventista deve construir e reforçar a identidade do povo de Deus. Mas, para isso, tem de ser bíblica, isto é, tem de provir directamente da Palavra de Deus.

Uma terceira razão porque necessitamos de pregação bíblica é porque só ela tem poder.

Há hoje artistas famosos e estrelas do audiovisual com grande popularidade e grandes salários. São pessoas de espírito tão vivo, de língua tão ágil e ritmo tão entusiasta que conseguem mover a seu capricho grandes audiências em estúdio ou imobilizar milhões diante dos seus televisores. São gente que tem poder.

Mas o poder da nossa pregação tem de ter uma origem diferente: *Porque Cristo não me enviou para baptizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavras, para que se não anule a cruz de Cristo. Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, ela é o poder de Deus (...) Visito como, na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu, aprovou a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação* (I Cor. 1:17, 18, 21).

A pregação bíblica produz vidas transformadas. Deus age através de homens e mulheres que transmitem a Sua mensagem, mas a glória e o poder não provêm de recursos ou talentos humanos. O Espírito Santo, que no princípio deu nascimen-

to à Palavra, vem vivificar a Palavra quando ela é transmitida ao povo.

Em termos de igreja, o que tem sido dito da oração aplica-se também à pregação:

Muita Palavra, muito poder;
Pouca Palavra, pouco poder;
Nenhuma Palavra, nenhum poder.

Um último ponto: a pregação bíblica deixa o ouvinte com uma bênção que se renova através da memória, trazendo refrigério à alma. Quando uma mensagem é apresentada a uma congregação, sendo explicada e aplicada à vida diária, ela

**Pregação bíblica é a
que coloca a Palavra de
Deus no centro. Não a
psicologia ou os
acontecimentos da
actualidade; não as
narrativas ou as ilustrações.
No centro, a Bíblia.**

pode ser facilmente reencontrada pelos crentes no seu estudo pessoal da Bíblia, em épocas posteriores. A inspiração e instrução de uma pregação de anos antes volverão à mente daquele que a ouviu, animando e fortalecendo o seu coração.

Como podemos tornar-nos pregadores bíblicos?

Só passando tempo com a Palavra, até que ela nos molde e modele, de modo a que os seus pontos de vista sobre Deus e a vida se tornem os nossos, até que o nosso espírito se torne um eco do seu Espírito; não há nenhum outro caminho; não há nenhum atalho.

Muitos Adventistas lamentam hoje a falta de pregação sólida nas nossas igrejas. Poderá a razão estar em que muitos pregadores adventistas

não passam suficiente tempo pessoal com a Palavra? Poderá dar-se o caso que puguem sobre psicologia, sociologia e outras «ologias» porque é isto o que sabem, é isto o que está nas suas mentes — em vez da Palavra do Senhor?

Quando as nossas vidas estiverem completamente impregnadas da Palavra, nós utilizá-la-emos em qualquer situação. Não teremos qualquer problema em encontrar um tema sobre o qual pregar, porque a Bíblia provê uma fonte inesgotável de possibilidades.

Mas a pregação bíblica sempre relaciona a Palavra com a vida. Em certo sentido, ela equilibra a Bíblia com o jornal. Relaciona as verdades intemporais e eternas das Escrituras com as situações correntes, mostrando como o povo de Deus agiu no passado em circunstâncias semelhantes e sugerindo como devemos reagir hoje.

Um grande professor de homilética disse um dia que todos os sermões poderosos provinham de uma de duas fontes: ou da experiência pessoal do pregador ou de alguma necessidade que ele tivesse observado na vida de outras pessoas. Assim, uma pregação poderosa não é um discurso, nem uma teoria; ela é o eco de uma experiência, porque a Palavra dirige-se ao povo de Deus nas suas esperanças e temores, nas suas lutas e feridas.

Houve tempo em que os Adventistas eram conhecidos como o povo do Livro. Já não ouço dizer isto de nós hoje, e tenho pena. Que cada um possa agir de molde a inverter esta tendência! Que cada um possa tornar a resolução de estudar as Escrituras e colocá-las no centro da sua vida! E que todo o Adventista que prega, obreiro ou leigo, possa alimentar o rebanho com o sólido alimento da Palavra de Deus!

Robert S. Folkenberg é o presidente da Conferência Geral dos A.S.D.

LAUSANA 94

Congresso Internacional de Jovens

Entrevista com John Graz

— Dentro de algumas semanas vai ter lugar em Lausana, Suíça, de 26 a 30 de Julho, o grande Congresso Internacional da Juventude Adventista. Como vai a preparação deste congresso?

John Graz — Temos o privilégio de poder contar com uma equipa internacional de primeira qualidade, cada um contribuindo com os seus talentos para o êxito do congresso. Além disso, esta equipa já trabalhou para o Congresso de Barcelona e o *camporee* de Poppi. É uma equipa com muita experiência,

— Desde quando começaram a trabalhar pa-

ra o congresso de Lausana?

— Desde 1990 decidimos organizar congressos internacionais de jovens de cinco em cinco anos. A nossa escolha fixou-se primeiro em Berlim, a seguir em Praga e finalmente a cidade de Lausana demonstrou ser a melhor escolha para 1994.

— Apesar dos preços elevados?

— Sim. Lausana oferece vantagens reais. Podemos dispor ali de um auditório de 6.000 lugares. A sonorização é de excelente qualidade. Não tem nada a ver com um pavilhão de desportos! Depois, os dormitórios e a cantina

encontram-se no mesmo edifício, o que evita as longas deslocações de manhã e à noite. Menos movimento, menos fadiga e mais disponibilidade para os programas. Além disso, podemos organizar programas ao ar livre, no magnífico parque de Beau-lieu [Lugarbello].

— Quais serão os momentos fortes do programa?

— As meditações da manhã e da tarde, apresentadas pelos Drs. Doukhan e Gerhardt, a cerimónia baptismal de sexta-feira à noite, com a colaboração de Richard Barron e, naturalmente, o culto de sábado de manhã. Acho também que as reuniões de abertura e encerramento serão momentos importantes.

— Esperam-se algumas novidades?

— Claro! Vamos dedicar um importante espaço ao canto em conjunto. O programa «Juventude em acção» vai transformar-se em «Unidos na acção». Serão apresentados três relatórios por tema: «Unidos no serviço», com os voluntários do Nepal e Cabo

Verde, «Unidos na pá-lha», com as equipas Aliança de Caen, Dinamarca de Berlim e os voluntários de Lotzwill, as três equipas de jovens que dedicaram um ano da sua vida à evangelização, e «Unidos no testemunho», com a evangelização nos países da Europa de Leste,

Em vez das *soirées* tradicionais, feitas por países, os nossos programas seguirão um tema. Quinta-feira à tarde: «Unidos em alegria». O sorriso e o bom humor têm um lugar marcado. Quinta-feira com o tema «Unidos em talentos que Deus deu», nós damos aos jovens que possuem talentos artísticos a oportunidade de expressá-los.

Outra novidade: sábado à tarde, o jardim de Beau-lieu será aberto a todos os grupos que fazem evangelização. Ver-se-á a estátua de Daniel, a estátua de Daniel... uma verdadeira exposição de métodos de evangelização de rua.

— E os ateliers?

— As tardes de quinta-feira serão dedicadas aos ateliers. Haverá treze ateliers, dirigidos por especialistas, e que tr-



Aspecto do Congresso de Jovens de Barcelona.

rão de assuntos próprios da juventude. É um encontro a não perder!

— **Pode dizer-nos algo sobre os convidados?**

— Toda a gente conhece o Dr. Hans Gerhardt. Ele esteve connosco em Barcelona e participa sempre nos grandes encontros da juventude. É o reitor da Faculdade (Adventista) de Teologia de Friendensau. O Dr. Jacques Doukhan, que tem a seu cargo as meditações matinais, é professor na Universidade (Adventista) de Andrews. Ele escreveu vários livros sobre Daniel e as relações entre judeus e cristãos. Cresceu e foi criado na religião judaica e é hoje considerado um grande especialista do judaísmo. É uma pessoa que consegue tornar apaixonante o estudo da Bíblia e trará uma nova dimensão a este género de encontros.

Os nossos convidados são de origem alemã, francesa, afro-americana, israelita, chinesa... Uma ilustração perfeita do lema: «A esperança une». Não se pode faltar a este congresso.

Jovem: se ainda não te inscreveste, contacta de imediato com o director de jovens da tua União ou Associação.

As jornadas de sexta-feira à tarde e de Sábado estão abertas ao público. Sejam todos bem-vindos!

John Graz, director JA da Divisão, é o responsável pelo Congresso Internacional da Juventude Adventista.

ENCONTRO COM JESUS...

Mais de dois mil encontraram a Jesus... Em Moçambique

O apostolado do jovem Pena

Visitar países africanos que fazem parte da divisão Euro-africana, tais como Angola, São Tomé e Príncipe ou Moçambique, constitui uma experiência muito enriquecedora e a história que hoje desejo partilhar convosco é bem a prova disso.

Em Setembro de 1993, juntamente com o pastor John Graz, viajámos para a cidade da Beira, onde ele ficou para apresentar um seminário para Desbravadores, enquanto eu continuei viagem para norte até à linda cidade de Quelimane. Aqui se encontra a sede da Associação Norte dos Adventistas do Sétimo Dia, que é dirigida pelo pastor Nikonde e conta com mais de setenta mil crentes.

Quando cheguei ao aeroporto, não foi difícil encontrar o pastor Nikonde: ele lá estava de braços abertos, irradiando toda a simpatia que o caracteriza. Sem perda de tempo fomos para a igreja principal, onde já éramos esperados com cânticos manifestando a fé na vinda de Jesus, pois nós bem sabemos que o Príncipe Ema-

nuel virá muito em breve. Este é o meu sentimento e certamente também o vosso: o sentimento de que Jesus breve virá, e tal como Simeão (Lucas 2:25) esperava ver o Redentor nos seus dias, nós esperamos ver o Senhor nas nuvens dos céus. Há tantos Simeões e tantas Anas hoje! Digamos bem alto: Vem, Senhor Jesus!

Neste seminário de crescimento da igreja, que apresentámos em Quelimane, estava um jovem de nome Januário Alsson da Pena. É dele que desejo falar hoje, porque ireis ouvir a história mais linda que eu já ouvi. Num dos intervalos, tive o pressentimento de que o Pena tinha qualquer coisa para me dizer, mas como me encontrava sempre rodeado de muitas pessoas, o Pena não podia falar sobre o que carregava no seu coração generoso. Assim que tive oportunidade, dirigi-me a ele e perguntei: — Que há com você, meu amigo?

— Pastor Costa, fui criado por uma mãe muito carinhosa e zelosa nos santos

princípios do Senhor. Ela plantou o amor por Jesus no meu coração quando eu ainda não sabia falar, mas cresci e com o passar dos anos esqueci, ou quase esqueci, os ensinamentos que minha mãe me ensinou. Quando chegou a altura, fiz o meu serviço militar. Como sabe, o meu país tem vivido anos muito duros e isso ou nos aproxima de Deus ou nos afasta. A mim afastou-me. Quando acabei o meu serviço militar fui despedir-me da minha mãe. A minha intenção era governar a minha vida num país estrangeiro, no caso a Etiópia. Recordo como se fosse hoje as palavras de despedida da minha querida mãe: 'Filho, tu sabes que te ensinei a amar e a obedecer ao Senhor Jesus, por favor não te esqueças d'Ele! Sabes que onde estiveres Ele sempre estará contigo!' Ela deu-me um trimesário da Escola Sabatina, abraçou-me e eu parti.

«Cheguei à Etiópia, mas não levei muito tempo para compreender que ali não encontraria mais riqueza do que aquela que poderia en-

José Carlos Costa

contrar na minha terra. Algum tempo depois fiz a viagem de regresso, a pé, porque não tinha meios para pagar uma viagem de avião ou em qualquer outro meio de transporte. Assim que entrei em Moçambique, depois de ter andado milhares de quilómetros, fui feito prisioneiro da Renamo, acusado como espião da Frelimo. A vida nestas ocasiões vale muito pouco, pois poucas esperanças me restavam. Durante o julgamento, disse-lhes que não era nenhum espião e que o meu único erro era ter abandonado o meu querido Jesus e mostrei-lhes o Trimensário, única coisa que ainda possuía.

«Uma noite, enquanto esperava o cumprimento da sentença, eu orei. Orei como quando era menino fui ensinado por minha mãe. Era em oração que eu encontrava a paz. Uma manhã tive como que uma visão, não posso muito bem dizer o que se passou, a única coisa que me recordo é de ter ouvido uma voz que me dizia 'Tenho uma missão para ti, não serás morto!' Abri os olhos, mas não vi nada. Pela manhã fui conduzido por dois soldados bem armados e pensei que afinal tinha chegado o meu último dia de vida. Depois de me terem conduzido durante muitos quilómetros, deixaram-me partir livre, dizendo-me que a minha vida tinha sido poupada.

«Desde desse dia não tenho deixado de anunciar a Jesus e muitas centenas de pessoas O têm aceiteado como Salvador.»

Pedi ao meu amigo Pena se podia contar esta história diante de todos os outros irmãos, ao que ele prontamente acedeu. Ele não sabia que eu, no fundo do meu

coração incrédulo, tinha dificuldade em admitir esta história impressionante que ele me contara. Fiquei emocionado até às lágrimas quando o Pena diante de todos os irmãos se dirigiu a um pastor e disse: «Eu fui à região de Maramanelo e anunciei a Jesus. Foi você, pastor, que foi lá baptizar.»

«Sim, é verdade, já lá baptizei mais de 300 pessoas.»

Depois o Pena dirigia-se a outro pastor e dizia: Eu fui à região de Gile, quantas pessoas baptizou o pastor?» Um número muito elevado era mencionado, e depois dirigiu-se a outro pastor e citou a região de Molivala, e depois a região de Modeia e outras regiões foram mencionadas. No meu coração, tremendo e dando glória a Deus, eu contei mais de duas mil almas que tiveram um encontro com Jesus como resultado do apóstolado do Pena. Ele sentou-se humilde e como que cansado, como se todos estes anos de testemunho para o Mestre só agora tivessem pesado, cansado não do trabalho, mas certamente das noites mal dormidas e também porque nem sempre o seu corpo fora convenientemente alimentado.

Assim que o Pena se sentou, logo um jovem se levantou para dizer: «Eu ouvi o Pena pregar e entreguei o meu coração a Jesus. Depois do meu baptismo comecei também a pregar e já mais de duzentas pessoas aceitaram a Jesus.» Este jovem senta-se e outro se levanta para dar o mesmo testemunho: «Também o Senhor Jesus entrou no meu coração e hoje mais de trezentas almas são candidatas ao céu.» E outros ainda se levantaram. Eu chorava e

pedia perdão a Deus da minha incredulidade. «Porque não ouvimos nós estas histórias na Europa, quero dizer, em Portugal?», interrogava-me eu.

O Espírito está pronto a vir em nossa ajuda, mas... talvez a nossa incredulidade O impeça. «Senhor, ajuda a minha incredulidade e

dá-me a visão para que eu Te possa apresentar a outros!»

Deus te guie, querido amigo Pena, e aos outros! E a todos os que pregam a Jesus!

José Carlos Costa é o departamental do Ministério Pessoal da DEA.

Bíblias para África

Recebi durante anos pedidos de Bíblias de alguns irmãos africanos. As situações que se têm vivido ultimamente nesses territórios tornam mais premente a nossa colaboração em todos os aspectos.

Creio que um bom número de irmãos recordam com saudades aquelas igrejas a que pertenceram em território africano.

Lançamos um apelo a esses irmãos e a todos os que fazendo parte da nossa grande família estejam dispostos a colaborar para levar a Palavra de Deus a mais pessoas. Precisamos de juntar meios para que, à medida que seja possível, sejam enviadas, especialmente aos nossos irmãos de Angola e Moçambique, Bíblias para os mais atingidos pela guerra.

Este plano é um empreendimento dum grande grupo de membros de igreja que procurará, com a nossa ajuda, levar avante o projecto.

É do conhecimento da direcção da União Portuguesa e foi aprovado na reunião de conselho de 11.01.94.

Todos os irmãos que desejem colaborar poderão fazê-lo tendo em atenção o seguinte:

1. Cada Bíblia postã em Angola e Moçambique

custará aproximadamente Esc. 1.000\$00.

2. A contribuição deverá ser de preferência em cheque, passado em nome da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia e enviado a um dos responsáveis abaixo indicados.
3. Se alguma igreja no seu conjunto quiser fazer alguma contribuição, poderá enviá-la directamente para a União.
4. Das contribuições e sua utilização serão dadas informações regulares. Agradecemos a colaboração e empenhamento de cada um neste plano. Irmãos e colaboradores em Cristo:

Joaquim Morgado
A/C da União Portuguesa dos ASD
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 LISBOA CODEX

Rui Dias
R. António Luis Gomes,
123-2.º Esq./Fr.
4400 GAIA

José Manuel da Costa
- (Igreja de Leiria - Zona Centro)
Vale Travelho - Pedreiras
2480 PORTO DE MÓS

Henrique Lopes
Rua Nicolau Tolentino,
32-2.º Esq.
Corroios
2800 ALMADA

Igreja de Espinho: 4 baptismos

Na igreja de Espinho realizou-se, dia 18 de Setembro 1993, uma cerimónia baptismal. Foram baptizados os irmãos: Carmen Matilde e Paula Maria da Silva Guedes, o jovem Helder Pedro Fernandes Constan-

a música e os cânticos do coro da igreja, sempre pronto para estas ocasiões, os grupos corais e musicais, e mesmo os hinos cantados pelos nossos irmãos que enchem a sala de cul-



Os novos irmãos de Espinho

tino, neto do pastor Constantino, e o irmão Carlos Moreira da Silva.

A igreja estava repleta com os seus membros assim como com as visitas que se deslocaram para assistir a esta festividade cristã. Deu um ar de festa as flores,

Louvamos o nome e o amor de Deus pelos milagres realizados na vida de cada baptizado.

José Albino Vieira

Pastor das igrejas de Espinho e Oliveira de Azeméis

Igreja de Oliveira de Azeméis

Na igreja de Oliveira de Azeméis, no dia 23 de Outubro de 1993, realizou-se também uma cerimónia baptismal em que se baptizaram as irmãs Isabel Cristina Oliveira Guedes, uma jovem, e Telvina Jesus Silva Marques Santos, esposa do irmão Mário Santos, tesoureiro da igreja.

A igreja encheu-se de uma atmosfera de festa porque coincidiu com a visita dos jovens da igreja de Espinho, que deram alegria à cerimónia através de

um programa preparado para o efeito, com música, cânticos bem sugestivos, assim como o coro de Espinho.

Podíamos bem ver a alegria expressa no rosto das baptizadas, assim como em todos os nossos irmãos, louvando o nome do Senhor por tamanha felicidade vivida naquele sábado.

José Albino Vieira

Pastor das igrejas de Espinho e Oliveira de Azeméis



Os novos irmãos de Oliveira de Azeméis.

Santarém: 7 Baptismos

Aguardávamos com certa ansiedade um dia bastante particular para a igreja de Santarém — o dia 19 de Março.

Localmente foi um dia especial... porque este dia encerrou em si mesmo algumas particularidades:

- 1.º — Feriado Municipal
- 2.º — Dia do Pai
- 3.º — Sábado
- 4.º — Baptismos

Pelo quanto acabamos de enumerar, este dia tinha tudo para ser um Grande Dia e pela graça de Deus assim foi. Convidámos para o efeito a igreja de Leiria. De manhã, todas as actividades

estiveram a cargo da igreja visitante. Já na parte da manhã vivemos momentos sublimes, não só pelos cânticos apresentados por elementos do grupo Éden, como também pelo culto apresentado pelo Pr. Júlio Cardoso.

Na parte da tarde, pelas 15 horas, o grupo Éden teve a seu cargo a preparação da ambiência própria para o efeito, e às 16 horas, pela graça de Deus, vimos descer às águas baptismas mais 7 preciosas almas que quiseram publicamente demonstrar a sua fé. Curiosamente, um, entre os baptizados neste dia, completou mais um ano de vi-



da — um maravilhoso duplo nascimento.

Um dia que chegou ao fim... um dia tremendamente diferente de tantos outros. Um dia pa-

ra recordar e... acima de tudo, reviver como antegosto da Eternidade.

Ilídio N. Carvalho



Baptismos com a colaboração do Grupo Éden (Leiria)

Jovens estudantes colportam em tempo de férias

Após alguns dias passados na escola de colportagem em Vale de Almornos, um grupo de estudantes decidiu fazer uma experiência de colportagem no verão. E foi assim que as moças saíram para este trabalho para a zona de Elvas e os rapazes para Leiria.

É sobre os rapazes, com quem tive o privilégio de lidar,

numa segunda fase, que vos de-sejo falar.

Digo segunda fase, dado que esta experiência foi iniciada no dia 8 de Julho do ano de 1993, pelo jovem pastor Daniel Bastos, preceptor do Colégio de Oliveira do Douro, e também o grande impulsionador desta nova experiência em Portugal, mas com alguns anos de existên-



Estudantes-Colportores



O grupo dos rapazes, a que o artigo se refere.

cia no Brasil; foi só a partir do dia 18 que fiquei responsável por este maravilhoso grupo de jovens, que não tendo medo do calor escaldante que por vezes se fazia sentir, passando por alto os dias fáceis de férias numa praia e junto da família, se manteve sempre com entusiasmo até ao período final de 3 de Setembro.

Foram dez os jovens que começaram este trabalho, embora só seis tivessem ido até ao fim inicialmente proposto. Eis os seus nomes: Miguel Moita, estudante universitário em Lisboa; João David, estudante em Vila Real; Ricardo Galaio, estudante em Lisboa; Carlos Guterres, trabalha na colportagem em C. Branco; Alegria Morgado, estudante e trabalha actualmente em Lisboa; Ludovino Caeiro, estudante em O. Douro; José Mendes, estudante em O. Douro; Ruben Mendes, estudante em O. Douro; Paulo Mestre, estudante; Paulo Baltazar, estudante em Vinhais.

As experiências vividas durante estes dois meses foram maravilhosas e só a falta de espaço nos impede relatar detalhadamente, mas os colportores que estiveram na Convenção na Costa de Lavos ouviram de viva voz a experiência destes jovens.

Em relação aos números, também eles são alentadores.

Fizeram-se 457 assinaturas *Saúde e Lar* e venderam-se mais de 1500 revistas a avulso, bem como outra literatura que uma vez contabilizada ultrapassou os 2.500 contos.

Foram feitos muitos contactos

e dirigidas palavras de conforto cujos resultados só o tempo poderá revelar, mas que são motivo de grande regozijo para os que apoiaram esta iniciativa, e de muito apreço por esses jovens cuja perseverança foi muitas vezes motivada pelas máximas que cada dia consagrávamos: «Os que não lutam perdem a força e a alegria da vitória» (E. W. — *O Melhor da Vida*, p. 251), e ainda «Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles» (II Reis 6:16).

Queremos agradecer aqui ao prezado irmão René, pelo seu empenho e apoio constantes, e ao prezado irmão Rodrigues, por ter disponibilizado as instalações que serviram de quartel general durante estes dois meses. Resta-nos louvar o nosso bom Deus que nos deu ânimo a cada instante, que nos proporcionou um ambiente de verdadeiro amor e uma tão extraordinária experiência.

Muito obrigado pela colaboração prestada pelos jovens Alegria, como auxiliar na direcção, e Paulo Mestre, na colaboração nas deslocações com a carrinha.

António Lima

Adjunto do Departamento das Publicações

Embora esta notícia só agora nos chegue - 19 de Abril de 1994 -, estamos a incluí-la no número de Maio, na esperança de que constitua um estímulo para actividades semelhantes no próximo verão.

Notícias Breves, Via Presidente da Conferência Geral

ADRA: Auxílio a Palestinos Árabes — O acordo a decorrer entre Israel e a OLP permitiu à ADRA, organização adventista para auxílio e desenvolvimento, reavaliar e reactivar os projectos de auxílio que está pronta a prestar aos palestinos árabes na Faixa de Gaza e na Margem Ocidental. O plano envolve um milhão de dólares e destina-se a prover material hospitalar e terapêutico para a Margem ocidental, onde é muito necessário, e levar a efeito um programa de saúde e educação na Faixa de Gaza.

MALAWI — Segundo relata o presidente da Divisão Oriental Africana, L. D. Raelly, entre as 1200 pessoas baptizadas durante as celebrações do centenário adventista, em 1993, 19 tinham sido ganhas por uma pessoa invisual. Eis alguém com grande visão espiritual.

ETIÓPIA — 31 dos territórios não penetrados deste país têm já uma congregação adventista organizada.

TANZÂNIA — L. D. Raelly confirma também que foram organizados grupos de crentes ou congregações adventistas em 52 das 63 áreas designadas para penetração imediata com a Mensagem do Advento.

ZIMBABWE — Em Setembro de 1993, os jovens deste país tinham realizado 1400 campanhas ou séries evangelísticas e o resultado foi 8.145 baptismos.

HUNGRIA: Igreja recebe compensação — O Estado da Hungria concordou em pagar uma compensação à Igreja Adventista da Hungria pelas duas maiores propriedades que lhe foram tomadas após a Segunda Guerra. Esta compensação eleva-se a 660.000 dólares (cerca de 99 mil contos) que serão usados para terminar a construção da nova igreja na cidade de Debrecen e construir duas novas igrejas, uma em Szegeed e outra em Szolnok. O Gabinete do Primeiro Ministro da Hungria afirmou também que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem o direito de reclamar as suas instalações editoriais, pelo que vão iniciar-se negociações nesse sentido.

GUATEMALA: Voluntários Maranata Internacional — Este grupo, organizado há 24 anos, dedica as suas férias e períodos de que pode dispor a projectos de construção em todo o mundo. Viajam à sua custa e ajudam nos materiais de construção, oferecendo todo o seu trabalho. A Igreja de Ponta Delgada, nos Açores foi construída com o auxílio dos Voluntários Maranata.

O grupo está agora envolvido no trabalho de construções na Guatemala, o seu maior projecto de todos os tempos. Desde Março de 1993 já construíram 50 edifícios de igreja, 3 novas escolas (cada uma com capacidade para 400 alunos), 11 casas para professores e um complexo agrícola no orfanato e escola secundária operada pelo *International Children's Care* (Orfanato Adventista). Além deste trabalho, ajudaram a completar a construção de 75 edifícios de igrejas que tinham sido começados pela respectivas congregações. Estamos diante de um trabalho enorme feito na Guatemala.

Além deste projecto, os 1716 Voluntários Maranata concluíram 34 outros projectos e trabalharam na construção de 85 edifícios.

ISRAEL: 15 Baptismos — 15 novos membros vieram reforçar as fileiras da Missão Adventista, que contava 127 membros. No entanto, há mais de 200 pessoas que frequentam regularmente as reuniões das 5 igrejas daquele país.

BURUNDI: Guerra Civil — A guerra que se trava entre os Hutu e os Tutsi causou a morte à esposa de um pastor adventista, numa das províncias do norte. É a primeira vítima adventista deste conflito.

CAMBOJA: Governo reconhece a Igreja — O Governo do Camboja reconheceu existência legal à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta já começou a registar algumas das suas propriedades.

SÃO TOMÉ: União Portuguesa envia técnico — Encontra-se em São Tomé um técnico da ADRA, enviado pela União Portuguesa: Hermínio Monteiro, da igreja do Porto.

Hermínio Monteiro encontrou-

se localmente com os pastores Ludescher, Kunze (da DEA) e Domingos Sequeira (da União Angolana) que ali se deslocaram no âmbito de uma viagem missionária, para observarem as condições e as possibilidades de traba-

lho da ADRA. Assim que tudo ficar preparado, o irmão Hermínio Monteiro estabelecer-se-á em São Tomé, juntamente com sua esposa, como delegado da ADRA. Desde já oramos pelo seu importante e delicado ministério.

Um novo curso em Friedensau: Trabalho Social Cristão

Friedensau foi o lugar da Europa onde se estabeleceu o primeiro Seminário de Teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Escola existe ainda hoje e fica num lugar aprazível, rodeado de prados e bosques, a cerca de 120 km a oeste de Berlim.

Durante quase 90 anos, operou como seminário de formação pastoral, tendo funcionado muitas vezes em circunstâncias bastante difíceis. Durante a Primeira Guerra Mundial, as suas instalações foram usadas como hospital militar; durante a Segunda Guerra, foram requisitadas para fins militares. E tanto o regime nazi como o socialista ali deixaram também as suas marcas.

Com a queda do socialismo, as mudanças chegaram igualmente a Friedensau. O que teria sido totalmente impossível durante mais de meio século tornou-se agora bastante viável. Primeiro, em 1990, **Friedensau obteve reconhecimento académico estatal**, passando a funcionar como uma escola que confere diplomas com valor oficial. Em 1992, os graus académicos de teologia passaram também a ter reconhecimento ofi-

cial. Em 1993, a Escola passou a poder oferecer um novo curso: **Trabalho Social Cristão**.

Este curso tem como objectivo ajudar os jovens estudantes adventistas a associarem a sua fé a uma profissão que serve os mais fracos e desprotegidos da sociedade, de acordo com as palavras de Jesus: «Tudo o que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.»

O curso Trabalho Social Cristão oferece quatro vias (*majors*): **Trabalho Social Geral, Saúde e Aconselhamento Familiar, Trabalho Social em países em Vias de Desenvolvimento e Trabalho Social em Instituições da Igreja**. O grau obtido, de **Trabalhador Social Diplomado** (*Graduate Social Worker*), tem nível universitário, é reconhecido pelo Estado Alemão e, por conseguinte, por todos os países europeus.

Os estudantes que tiverem qualificações para entrar numa universidade dos seus países de origem possuem também os requisitos para frequentar este curso do ensino superior.

Para mais informações, contactar o **Departamento de Educação da nossa União**.



Theologische Hochschule Friedensau (Faculdade de Teologia de Friedensau).

Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia



O artigo IV dos Estatutos da Conferência Geral prevê que haja uma assembleia geral (Sessão da Conferência Geral) de cinco em cinco anos. Assim, a 56ª Assembleia Geral ordinária terá lugar de **29 de Junho a 8 de Julho de 1995, em Utrecht, na Holanda**. Depois de Viena 1975, é a segunda vez que um país europeu é escolhido para uma assembleia deste género. O seu lema será: **Unidos em Cristo**.

O número de delegados — cerca de 3000 no total — compõem-se, por um lado, de **delegados de ofício** e por outro, de **delegados regulares**. Fazem parte dos delegados de ofício todos os membros eleitos do conselho da Conferência Geral.

Os presidentes das Uniões, como membros dos conselho da Conferência Geral, são igualmente delegados de ofício. Os delegados regulares serão nomeados pelos conselhos das Uniões. A chave de repartição que permite fixar o número dos delegados encontra-se também no artigo IV dos Estatutos da Conferência Geral. **De acordo com o regulamento, cada União e cada Associação designam um delegado, mais um delegado por cada fracção de 7000 membros na União.**

A **Divisão Euro-africana**, tendo em conta todas as suas Uniões e Instituições, tem direito, na base dos números actuais, a um total de **134 delegados à assembleia de Utrecht**.

O Centro de Congressos de Jaarbeurs, em Utrecht, oferece lugar suficiente para um vasto número de participantes não-delegados. Porque, além das assembleias administrativas habituais, todos os dias serão apresentados programas espirituais, assim como relatórios do campo mundial e dos departamentos da Igreja Adventista. Todas as noites, uma Divisão apresentará um relatório das suas actividades e experiências vividas no domínio da evangelização e da Missão Global. **O serão reservado à Divisão Euro-africana é o de 2 de Julho de 1995.**

A Assembleia da Conferência Geral é também um momento de eleições. É nestas reuniões que são nomeados os dirigentes da Conferência Geral e das Divisões. Os presidentes, secretários e tesoueiros destas organizações, bem como os directores dos departamentos, são nomeados para um período de cinco anos.

Os delegados de cada Divisão elegem entre si os membros da grande comissão de nomeações a que têm direito. Estes membros têm a possibilidade de se consultarem para apresentar as propostas que dizem respeito apenas à sua Divisão.

Uma outra tarefa da assembleia geral consiste em votar diferentes projectos, tais como alterações ao Manual da Igreja, bem como outras decisões importantes relativas ao campo mundial. Os votos são precedidos de um debate na

assembleia, no qual cada delegado tem a faculdade de se exprimir publicamente. Uma vez conhecidos os projectos (seguindo a regra geral, será após o conselho de Outubro da Conferência Geral, em Outubro de 1994), eles serão comunicados às igrejas através das vias regulares.

O alojamento em Utrecht é organizado por uma agência mandatada pela Conferência Geral A. A Conferência Geral só organiza o alojamento dos delegados. Os não delegados podem dirigir-se ao International Congress Management Travel Life, 7152 SW 47th Street, Miami, Florida 33155, USA.

Para além disso, haverá

também no Centro do Congresso grandes dormitórios à disposição dos visitantes. As informações a este respeito estão a ser transmitidas às igrejas pelas Uniões.

Devemos lembrar-nos de que uma Conferência Geral visa, em primeiro lugar, um fim evangelístico e de encorajamento do espírito missionário. Por isso, enquanto têm lugar todos estes preparativos, oremos, para que por meio deste Congresso Mundial muitos homens e mulheres se tornem mais atentos à nossa Igreja e à boa-nova da breve volta de Jesus Cristo.

E. Amelung

Tesoureiro da DEA

Utrecht é uma cidade cheia de história, que remonta à Idade Média. Se bem que tenha evoluído com a modernização das suas instalações, conserva igrejas medievais características. O seu centro e ruas românticas reflectem bem a riqueza do seu passado.

As reuniões da Assembleia da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia têm lugar em Jaabeurs, no Prince Orange Hall. É um imenso complexo de 225 m², dotado de 52 salas de congressos e conferências. As instalações, onde foram utilizadas tecnologias de ponta, constituem um lugar ideal para grandes encontros e suas relações com os meios de comunicação social. Ali se esperam, de 29 de Junho a 8 de Julho de 1995, cerca de 24.000 congressistas adventistas.

Jaabeurs será pois um espaço de convívio, de estudo e planificação evangelística. Ali se analisará a evolução da Igreja no mundo inteiro e se traçarão as grandes linhas para o futuro. A Igreja Adventista de todo o mundo ora para que o Espírito Santo seja derramado em grande medida sobre todos os que assistirem à Conferência Geral 1995.